

Conto de Histórias Multissensoriais e Multideficiência: um projeto de intervenção

Teresa Miguel* e Clarisse Nunes**

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa

teresamigue@gmail.com*, clarisse@eselx.ipl.pt**

RESUMO

As crianças e jovens com multideficiência (MD) apresentam limitações significativas em várias áreas do seu desenvolvimento e na aprendizagem. Sendo inquestionável o seu direito à educação e o acesso à participação em atividades de caráter lúdico e social, estes precisam de ambientes que promovam o seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tal, é fundamental a sua inclusão na escola e na comunidade.

O presente estudo pretendeu conhecer os recursos e os programas existentes numa biblioteca pública para crianças e jovens com MD e suas famílias, e perceber como é que as Histórias Multissensoriais (HMS) podem ser usadas para facilitar o acesso destas àquele tipo de espaços.

O estudo de natureza qualitativa implicou a realização de um projeto de intervenção enquadrado numa abordagem de investigação-ação. Participaram no estudo 21 sujeitos: uma bibliotecária, cinco crianças, cinco jovens e dez mães. A recolha dos dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas, questionários, observação participante, notas de campo e pesquisa documental. O projeto desenvolveu-se em quatro fases: i) conceção do projeto de intervenção na biblioteca; ii) planificação do projeto de intervenção que consistiu em duas vertentes: a criação e a construção de três HMS e o estabelecimento do programa semanal das sessões de conto dessas histórias; iii) concretização do projeto de intervenção – dinamização das HMS na biblioteca pública e iv) avaliação do projeto.

Os resultados mostram que o uso de HMS proporciona oportunidades para a inclusão de utilizadores com MD em idade escolar e suas famílias na biblioteca. As famílias pareceram satisfeitas e a maioria das crianças e os jovens manifestou agrado durante a sua participação nas sessões, pelo que concluímos ter sido uma experiência positiva.

Palavras-chave: Multideficiência, Histórias Multissensoriais, Biblioteca, Envolvimento, Inclusão

INTRODUÇÃO

As crianças com multideficiência (MD) ostentam necessidades muito específicas, sendo das mais complexas de entre a população com Necessidades Educativas Especiais (NEE), pelo que são descritas como tendo NEE de alta intensidade e baixa frequência (Nunes, 2008). Quer dizer que a incidência de crianças com MD é extremamente reduzida em relação ao total da população escolar com NEE, mas as suas limitações são, normalmente, graves.

Especificando, estas crianças apresentam limitações cognitivas severas, associadas a outras dificuldades: motoras e/ou sensoriais: visão ou audição (Nunes, 2009; NICHCY, 2004; Snell, 2002; Tadema, Vlaskamp & Ruijsenaars, 2007). A interação entre as diversas limitações que exprimem condiciona de forma muito significativa as suas experiências, resultando falta de competências básicas de carácter social e comunicativo, o que reduz a compreensão do mundo que as rodeia e da informação que recebem (Nunes, 2005; Saramago, Gonçalves, Nunes, Duarte & Amaral, 2004). Estas circunstâncias condicionam a sua aprendizagem, levando-as a aprender mais lentamente e a manifestar dificuldades de memorização e de generalização das aprendizagens (cf. NICHCY, 2004; Tadema, 2007), o que, associado a limitações sensoriais, as impede de receber a informação na totalidade e de a compreender plenamente (Durkel, 2004). Por isso, necessitam de recorrer a formas de comunicação muito simples, como é o caso dos objetos de referência.

As dificuldades das crianças com MD condicionam ainda o acesso a experiências ligadas ao conto de histórias e à literacia (cf. Nunes, 2011; Bag Books, 2012). Verificamos ser pouco comum o envolvimento de crianças com MD neste tipo de atividades, embora, como afirma Lacey (2006), a literatura também possa ser útil para quem não pode ler, escrever, falar ou compreender a linguagem. Para tal, as histórias devem adaptar-se às suas características e possibilidades (Penne et al., 2012), tendo sido criadas as Histórias Multissensoriais (HMS).

Histórias Multissensoriais

As HMS são uma abordagem pedagógica criada tendo em consideração as características peculiares de pessoas com problemáticas severas, como é o caso dos sujeitos com MD (Nunes, 2011; Bag Books, 2012; Penne et al., 2012), sendo, no entanto, acessíveis a todos (Grace, 2013). Pode-se dizer que são histórias simples, particularmente úteis para aquelas que não usam a fala para comunicar, nem entendem a palavra escrita e as imagens.

No Reino Unido, há duas instituições que se destacam no uso de HMS. Enquanto a Bag Books tem vindo a desenvolver histórias subordinadas a temáticas tradicionais narradas de forma simples para que sejam compreensíveis às crianças com NEE mais complexas, a PAMIS promove a construção de histórias personalizadas, particularmente associadas ao quotidiano da criança para quem foi especificamente criada (Scottish Funding Council, 2012; Young, Fenwick, Lamb & Hogg, 2011).

Chamam-se HMS porque apelam à exploração de diferentes sentidos: tato, olfato, paladar e movimento (quinestésico). Apresentam características distintas do formato de livro tradicional. São usualmente acondicionadas em caixas de cartão. São histórias curtas com cerca de 10 páginas que consistem em placas formato A3 de material rijo. Cada página tem afixado ao centro um ou dois objetos que ilustram a narrativa. É importante que estas histórias contenham objetos estimulantes pela sua cor, forma ou textura, podendo incorporar botões, manípulos e outros materiais sonoros atrativos para serem acionados pela criança, produzindo a “causa-efeito” tão estimulante para ela. Podem ser utilizados também objetos reais, texturas e formas que simulam os objetos reais e partes de objetos (Bag Books, 2011; Nunes, 2011), como podemos observar na figura 1.



Página 9
história “O piquenique do Zé”

Página 3
história “A Lili vai à praia”

Página 4
história “O Luís vai ao café”

Figura 1. Páginas das HMS com objetos reais (Miguel, 2015)

A dinamização das HMS é tão importante quanto a sua construção. Nas HMS, a palavra falada do contador da história é o elo de ligação entre o “ouvinte” e os objetos que lhe são mostrados. Por isso, como sugere a Bag Books (2011), é essencial a alternância da entoação da voz (sussurrar ou falar alto) e até algum exagero nas expressões faciais e na articulação das palavras, ou seja, a inclusão de algum dramatismo ou teatralidade para que os objetos nas páginas ganhem vida e a narrativa faça sentido.

O papel desempenhado pelo contador da história para se atingir estes objetivos é fundamental, devendo este para tal estimular as crianças a estabelecer contacto físico regular e sistemático com o livro, ajudando-a a manipular os objetos da história (Young et al., 2011).

Vários estudos internacionais sobre esta temática indicam-nos ser esta uma abordagem positiva para a educação de crianças com MD porque: i) melhora o nível de atenção e concentração, de reconhecimento e antecipação da história e em alguns casos promove o desenvolvimento do uso da linguagem oral (Bag Books, 2011; Boer & Wikkerman, 2008, Knijn, 2010/2011); ii) promove momentos de atenção conjunta entre crianças e adultos, podendo ser uma base de ajuda para se analisar um determinado problema pessoal (Young et al., 2011); iii) promove interações de alta qualidade, ainda que se tenha verificado que os contadores de

histórias revelaram dificuldades em estar atentos às subtis formas de comunicação das pessoas com MD, i.e: as expressões corporais, faciais e vocalizações (Penne et al., 2012); iv) contribui para a literacia e para enriquecer o currículo destes alunos (Preece & Zhao MA, 2014); v) pode ajudar a lidar com questões sensíveis, tais como a epilepsia (Young et al., 2011); vi) permite desenvolver competências relacionadas com a literacia (Fornefeld, 2013; Watson, Lamb & Hogg, 2002) e vii) proporciona momentos aprazíveis para as crianças, sendo repletos de significado (Preece & Zhao MA, 2014; Young, et al., 2011).

ESTUDO EMPÍRICO

O estudo que aqui descrevemos é um recorte do projeto de intervenção desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Especial, da ESELx.

Identificação do problema

A análise dos dados obtidos permite-nos afirmar que a biblioteca pública participante neste estudo não é frequentada regularmente por utilizadores com deficiências graves. Ainda que a bibliotecária demonstre alguma preocupação na melhoria da resposta educativa para os utilizadores mais jovens, não é comum estes contextos disporem de livros adaptados, tecnologias de apoio e programas específicos para utilizadores com MD em idade escolar. Assim, importa perceber o que é necessário mudar na biblioteca pública em particular para que estas crianças e suas famílias possam participar em atividades comuns num espaço comunitário.

Decidimos aliar a esta investigação as HMS, por ser um recurso útil na educação de crianças com MD (Boer & Wikkerman, 2008; Penne et al., 2012), mas pouco utilizado em Portugal. Em termos sociais, entendemos ser este um tema útil de estudar, podendo levar à aquisição de novos saberes.

Objetivos e questões orientadoras

Tendo por base a problemática apresentada, colocamos as seguintes hipóteses de ação para o projeto de intervenção:

- A. O uso de HMS promove a inclusão de utilizadores com MD em idade escolar e suas famílias numa biblioteca pública.
- B. O uso de HMS não garante, por si só, a inclusão de utilizadores com MD em idade escolar e suas famílias numa biblioteca pública.
- C. O uso de HMS não promove a inclusão de utilizadores com MD em idade escolar e suas famílias numa biblioteca pública.

Considerando estas hipóteses de ação questionamos: que tipo de respostas existe nas bibliotecas públicas para crianças com NEE em geral, e com MD em particular? e de que modo as HMS podem ser usadas para promover o acesso de crianças com MD a bibliotecas públicas?

Com o propósito de responder a estas questões, definimos dois objetivos gerais complementares para o projeto de intervenção:

1. Conhecer os recursos e os programas existentes numa biblioteca pública para utilizadores com NEE, bem como a perceção da bibliotecária sobre o uso da biblioteca por crianças com MD e suas famílias.
2. Perceber como é que as HMS podem ser usadas para facilitar o acesso de crianças com MD a bibliotecas públicas, o que pressupõe:
 - i) Conhecer a perceção dos pais sobre o uso da biblioteca por crianças com MD e suas famílias;
 - ii) Compreender as rotinas de lazer das famílias e os hábitos de leitura e audição de histórias pelos filhos com MD;
 - iii) Construir HMS para crianças com MD e dinamizar o seu conto numa biblioteca pública;
 - iv) Analisar a dinamização da hora do conto com as HMS, considerando três dimensões: as estratégias usadas pelo contador de histórias; o comportamento das crianças face às HM, ao contador de histórias e aos outros e os comportamentos dos pais durante o conto de histórias;
 - v) Perceber as mudanças nas conceções e nas práticas educativas decorrentes da participação no programa de sessões de conto de HMS na biblioteca pública.

Para responder a estas questões optámos por seguir um paradigma sociocrítico, dado valorizar a vertente prática e o conhecimento que daí resulta. Metodologicamente, seguimos a estratégia da investigação-ação por ser a mais adequada a situações sociais que envolvem questões práticas e a mudança (Afonso, 2005), o que entendemos ser o caso do nosso estudo. Procurámos enveredar por uma linha de investigação tipicamente qualitativa através de um método indutivo em que o investigador constrói a explicação dos factos à medida que recolhe e analisa os dados (Hill & Hill, 2012).

Métodos

Desenho do projeto de intervenção

Projetámos a realização de um projeto de intervenção a aplicar numa biblioteca pública, estruturado em quatro fases, como se descreve na tabela I.

Tabela I.
Fases do Projeto de Intervenção

Fases	Descrição
1ª Fase Conceção do Projeto de Intervenção	<input type="checkbox"/> Seleção do contexto e dos participantes; <input type="checkbox"/> Escolha e conhecimento do contexto; <input type="checkbox"/> Definição e escolha dos participantes; <input type="checkbox"/> Recolha e análise de dados iniciais para a caracterização da situação (Entrevistas e Questionários) e para a construção das HMS.
2ª Fase Planificação do Projeto de Intervenção	<input type="checkbox"/> Criação e construção de três HMS; <input type="checkbox"/> Planificação do programa de 4 sessões de conto das HMS.
3ª Fase Concretização do Projeto de Intervenção	<input type="checkbox"/> Conto das HMS numa biblioteca pública; <input type="checkbox"/> Recolha de dados referentes ao conto das HMS (registos vídeo das 4 sessões realizadas).
4ª Fase Avaliação do Projeto de Intervenção	<input type="checkbox"/> Recolha de opiniões dos participantes sobre o Projeto de Intervenção. <input type="checkbox"/> Análise dos dados recolhidos.

Participantes

O estudo contou com a participação de 21 sujeitos: uma bibliotecária, cinco crianças, cinco jovens e dez mães.

A bibliotecária, licenciada em História e pós-graduada em Ciências Documentais, é técnica superior de uma biblioteca municipal há 16 anos.

Os elementos parentais mais presentes foram dez mães, as quais se disponibilizaram para responder aos inquéritos por questionário e por entrevista.

Contámos ainda com a participação de cinco crianças, duas do sexo masculino e três do sexo feminino, com idades compreendidas entre os quatro anos e nove meses e os 10 anos. Estas crianças apresentam limitações muito significativas no funcionamento cognitivo e motor. Participaram também cinco jovens, três do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos. Quatro jovens deslocam-se em cadeira de rodas e manifestam graves limitações no manuseamento dos objetos com as mãos. Nenhum jovem usa a fala para comunicar de forma eficiente. Apenas dois deles conseguem verbalizar poucas palavras com muita dificuldade.

As crianças e jovens foram escolhidas tendo por base três critérios: o perfil de funcionalidade, a idade e a área de residência.

O processo de seleção das famílias decorreu naturalmente da existência no agregado familiar de uma criança ou jovem com o perfil pretendido para o estudo e que estivesse disponível para participar.

Optou-se por uma biblioteca pública e a seleção da bibliotecária resultou do processo de escolha da biblioteca onde se desenvolveu o estudo.

Métodos e técnicas de recolha e análise de dados

A realização do estudo envolveu a utilização de diversas técnicas complementares, as quais se encontram descritas na tabela 2.

Tabela 2.

Métodos e técnicas de recolha de dados usadas

Fases do Estudo	Métodos usados	Técnicas usadas
1ª Fase Conceção do Projeto	Métodos de recolha direta Métodos de recolha indireta	Observação não participante; Pesquisa documental dos processos das crianças; Inquérito por questionário aos pais (#10); Inquérito por entrevista semiestruturada à bibliotecária (#1).
3ª Fase Concretização do Projeto de Intervenção	Métodos de recolha direta Métodos de recolha indireta	Observação participante: registo em vídeo das 8 sessões de conto das histórias na biblioteca; Pesquisa documental: análise de documentos pessoais produzidos pelas mães ao longo do projeto.
4ª fase Avaliação do Projeto de Intervenção	Métodos de recolha indireta	Inquérito por entrevista semiestruturada à bibliotecária (#8); Inquérito por entrevista semiestruturada à bibliotecária (#1).

Salientamos que os dados obtidos através das entrevistas foram estudados recorrendo à análise de conteúdo, o que facilitou a análise sistemática do corpo de texto produzido pelas declarações dos entrevistados (Coutinho, 2014). Chamada também de análise de conteúdo categorial, este método de análise envolveu processos indutivos de identificação e separação das unidades de registo para a sua agregação em categorias (Madureira, 2012) e concretizou-se com recurso ao programa Atlas.ti 5.0. Os registos de vídeo, organizados por sessão, permitiram-nos ter uma visão global dos comportamentos de todos os envolvidos, nomeadamente analisar a interação das crianças, tendo-se para o efeito procedido à elaboração de grelhas de análise específicas.

O estudo seguiu os procedimentos éticos exigidos em pesquisas desta natureza.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentamos apenas os resultados referentes à dinamização do conto de histórias na biblioteca, focando-nos nas estratégias usadas pela contadora de histórias (a primeira autora do estudo) e os comportamentos das crianças e dos familiares face às histórias, resultantes da análise de conteúdo aos registos de vídeo.

Estratégias usadas no conto de HMS

Durante o conto da história, a contadora mostra cada página da história a cada uma das crianças / jovens presentes, chama a sua atenção para os objetos aí existentes (mostra-os e aponta para eles) e dá oportunidade para que cada uma explore individualmente os objetos mostrados. Permite ainda que os participantes acionem um botão, apalpem um objeto, coloquem um objeto dentro de outro ou cheirem alguma coisa, etc.

O conto da narrativa da história é dito oralmente a cada uma das crianças, sempre da mesma forma (uso da repetição para contar a história), o que permite que estas ouçam o conto da narrativa de cada página várias vezes e se envolvam no conto da história.

No final de cada história contada pela primeira vez, distribui-se a cada criança um objeto de referência da história para levarem para casa. Manter-se de pé; aproximar-se de cada criança para mostrar cada uma das páginas da história; debruçar-se e baixar-se em frente à criança para ficar ao nível do seu olhar e assim estabelecer melhor contacto visual, foram outras estratégias usadas pela contadora de histórias.

Comportamentos dos participantes durante o conto de HMS

Todas as crianças manifestaram um comportamento geral positivo, como se evidencia na tabela 3.

Dimensões analisadas	Crianças			
	C	M	R	
Comportamento geral	Muito positivo: atenta, sorridente e bem-disposta. Mostrou curiosidade.	Positivo: mostrou agrado e aderiu bem à experiência, apesar de evitar tocar nos objetos.	Positivo: apresentou curiosidade pelos objetos.	
Níveis de envolvimento com:	Histórias	Muito bom envolvimento: prestou atenção, mostrou à vontade com os objetos e iniciou em manipulá-los.	Fraco envolvimento: evitou tocar nos objetos, sendo o contacto fugaz; pouco interesse pelos objetos.	Bom envolvimento: prestou atenção e mostrou interesse pelos objetos.
	Contador de histórias	Muito bom envolvimento: prestou atenção e respondeu às questões adicionais de exploração da história.	Fraco envolvimento: alguma agitação e ansiedade inicial face à sua presença.	Bom envolvimento: prestou atenção e aceitou a ajuda dada.
Participantes:	Pais	Bom envolvimento: estabeleceu uma boa comunicação.	Bom envolvimento: estabeleceu uma boa comunicação.	Fraco envolvimento: não estabeleceu interação.
	Outras crianças	Bom envolvimento: manteve-se atenta aos comportamentos das outras crianças.	Fraco envolvimento: olhou algumas vezes para as outras crianças.	Fraco envolvimento: praticamente não olhou para as outras crianças.

Quanto aos quatro jovens presentes, três manifestaram comportamentos favoráveis à dinamização do conto das HMS, como se ilustra na tabela 4.

Tabela 4
Síntese dos comportamentos dos jovens observados durante as sessões

Dimensões analisadas	Jovens			
	JP	C	R	P
Comportamento geral	Muito positivo: atento, sorridente e bem-disposto; mostrou expectativa.	Muito positivo: mostrou-se sempre bem-disposta e colaborante.	Pouco positivo: manifestou uma atitude de rejeição em relação à atividade em geral.	Muito positivo: atento, sorridente e bem-disposto.
Histórias	Muito bom envolvimento: ouviu com atenção; mostrou curiosidade e estabeleceu contacto visual com os objetos.	Muito bom envolvimento: mostrou boa compreensão da narrativa, interesse e iniciativa na exploração dos objetos.	Fraco envolvimento: mostrou ansiedade e frustração; não mostrou agrado; pontualmente, mostrou curiosidade pelos objetos.	Muito bom envolvimento: mostrou atenção, curiosidade e estabeleceu contacto visual com os objetos; tentou verbalizar.
Contador de histórias	Muito bom envolvimento: prestou atenção e realizou os movimentos solicitados.	Muito bom envolvimento: atendeu aos pedidos relativos ao comportamento e realizou os movimentos solicitados.	Fraco envolvimento: deu sinais de ansiedade e rejeição.	Muito bom envolvimento: prestou atenção, realizou os movimentos solicitados; muito comunicativo.
Pais	Muito bom envolvimento: estabeleceu uma boa comunicação.	Muito bom envolvimento: tomou a iniciativa na interação comunicativa.	Bom envolvimento: estabeleceu uma boa comunicação.	Muito bom envolvimento: estabeleceu uma boa comunicação e muito boa disposição entre si.
Outras crianças	Fraco envolvimento: estabeleceu contacto visual com os outros jovens.	Muito bom envolvimento: tomou a iniciativa na interação comunicativa.	Fraco envolvimento: praticamente não estabeleceu contacto visual com os outros jovens.	Bom envolvimento: muito sorridente, estabeleceu contacto visual com alguns jovens.

Comportamento das famílias durante o conto de histórias

As mães foram colaborantes, procurando ajudar os filhos a manterem-se sossegados e atentos ao decorrer da atividade. Esta atividade proporcionou momentos de rica interação comunicativa entre eles, particularmente nos momentos de espera do conto da página seguinte.

O balanço deste projeto foi muito positivo. As famílias pareceram satisfeitas, as crianças e jovens manifestaram uma satisfação genuína durante a sua participação nas sessões, pelo que

concluímos esta experiência com a clara sensação de que valeu a pena, porque foi um trabalho conjunto, fruto do interesse de todos pela promoção de iniciativas significativas e interessantes num contexto comum, não formal, para as crianças e jovens com MD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sugestões da Bag Books (2011) e da PAMIS (Scottish Funding Council, 2012) sobre a criação, construção e dinamização das HMS contribuíram de forma positiva para a concretização deste projeto de intervenção.

A construção de HMS é um processo criativo e aprazível, que exige um senso permanente de análise, autocrítica e descoberta, pois existe pouca informação sobre o assunto e as crianças com MD constituem um grupo muito heterogéneo nas suas capacidades e limitações cognitivas. Conhecer os interesses específicos dos participantes é essencial para que se conseguir construir uma HMS simples e atrativa.

A dinamização do conto de HMS é desafiadora não só pela dinâmica muito particular destas histórias, mas também pelas características do público-alvo. O sucesso da dinamização parece estar na investigação do tópico da história, na preparação prévia e, se possível, no conhecimento antecipado das características dos participantes no conto da história (cf. Bag Books, 2011; Young et al., 2011; Preece & Zhao MA, 2014).

As sessões de conto de histórias sensibilizaram os pais das crianças para a frequência da biblioteca, para a necessidade de manter os hábitos de leitura de histórias e livros e para as potencialidades dos seus filhos. Os pais também se mostram muito impressionados com as características singulares destas histórias e da sua dinamização.

Em conclusão, podemos afirmar se confirma a hipótese a) O uso de HMS promove a inclusão de utilizadores com MD em idade escolar e suas famílias na biblioteca pública.

Esperamos, confiantes, que a experiência positiva que resultou deste projeto de investigação-action inspire outros a desenvolver iniciativas similares e a promover atividades na comunidade em benefício dos seus co-cidadãos com MD.

REFERÊNCIAS

- Afonso, N. (Ed.). (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Lisboa: Asa.
- Bag Books (Ed.) (2011). *Multi-sensory stories for people with learning disabilities. Training Notes*.
London. Consultado em <http://www.bagbooks.org>
- Bag Books (Ed.) (2012, november). *Multi-sensory stories for people with learning disabilities*.

- Brochure. London. Consultado em <http://www.bagbooks.org>
- Boer, N. & Wikkerman, C. (2008): Multi-Sensory Storytelling (MSST) makes sense. *Markant, Kenniskatern*, 5, 8 -11.
- Coutinho, C.P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. (2ª ed.) Coimbra: Almedina.
- Durkel, J. (2004). What a concept! The Texas School for the Blind and Visually Impaired.
- SEE/HEAR Newsletter, 2(5), 1-5. Consultado em <http://www.tsbvi.edu>.
- Fornfeld, B. (2013). Storytelling with all our senses; mehr-sinn geschichten. In Grove (Ed.), *Using storytelling to support children and adults with special needs: Transforming lives through telling tales* (pp. 78-85). Exeter: Swales & Willis Ltd.
- Grace, J. (2013). How can I use a sensory story in my school. Folheto consultado em <http://sensoryplaytray.com/wp-content/uploads/2013/07/How-can-I-use-a-sensory-in-my-school.pdf>
- Hill, M. & Hill, A. (2012). *Investigação por questionário*. (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Knijn, T. (2010/2011). *Multisensory Storytelling: the effect on positive social responsiveness in children with profound multiple disabilities*. Study year 2010/2011. Utrecht University.
- Madureira, I. (2012). *Tornar-se professor de Educação Especial – Uma abordagem biográfica*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa – Instituto de Educação. Lisboa.
- Miguel, T. P. J. P. (2015). *O uso de histórias multissensoriais numa biblioteca pública*. Projeto de intervenção apresentado à Escola de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa para obtenção do grau de mestre em Educação Especial.
- NICHCY, (2004, january). Severe and multiple disabilities. Disability Fact Sheet, (10).
- Consultado em <http://www.nichcy.org>
- Nunes, C. (2005). Os alunos com multideficiência na sala de aula. In I. Sim-Sim (Ed.), *Necessidades Educativas Especiais: dificuldades da criança ou da escola?* Lisboa: Texto Editores.
- Nunes, C. (2008). *Alunos com multideficiência e com surdocegueira congénita. Organização da resposta educativa*. Lisboa: Ministério da Educação. Direcção-Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Nunes, C. (2009). *Aprendizagem activa na criança com multideficiência-guia para educadores*.

- Lisboa: Ministério da Educação. Direcção-Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Nunes, C. (2011, abril). Histórias Multissensoriais. Caixas de Histórias. Folheto consultado em <http://multideficiencia.ning.com>.
- Penne, A., Ten Brug, A., Munde, V., Van der Putten, A. & Vlaskamp, C. & Maes, B. (2012, february). Staff interactive style during multisensory storytelling with persons with profound intellectual and multiple disabilities. *Journal of Intellectual Disability Research*, 56(2), 167-178.
- Preece, D. & Zhao MA, Y. (2014). An Evaluation of Bag Books Multi-Sensory Stories. School of Education. University of Northampton.
- Scottish Funding Council, (2012, march). Multi-sensory Storytelling. *Profound and Complex Needs Newsletter*, 13.
- Saramago, A., Gonçalves, A., Nunes, C., Duarte, F. & Amaral, I. (2004). Avaliação e Intervenção em multideficiência. Lisboa: Centro de Recursos para a Multideficiência. Ministério da Educação. Direcção-Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Snell, M. (2002). Education of individuals with severe and multiple disabilities. Consultado em março de 2009 em <http://www.answers.com/topic/education-of-individuals-with-severe-and-multiple-disabilities>
- Tadema, A.C., Vlaskam, C. & Ruijsenaars, W. (2007, may). The validity of support profiles for children with profound multiple learning difficulties. *European Journal of Special Needs Education*, 22(2), 147-160.
- Watson M., Lambe L. & Hogg J. (2002). *Real Lives: Real Stories*. PAMIS / University of Dundee, Dundee.
- Young, H., Fenwick, M., Lamb, L. & Hoog, J. (2011, may). Multi-sensory storytelling as an aid to assisting people with profound intellectual disabilities to cope with sensitive issues: a multiple research methods analysis of engagement and outcomes. *European Journal of Special Needs Education*, 26 (2), 127-142.